UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

GILBERTO FREYRE E A CULTURA AMEAÇADA: AS FRONTEIRAS ENTRE IDENTIDADE E ALTERIDADE DA "NAÇÃO BRASILEIRA"

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Marlete Golke

Santa Maria, RS, Brasil

2011

GILBERTO FREYRE E A CULTURA AMEAÇADA: AS FRONTEIRAS ENTRE IDENTIDADE E ALTERIDADE DA "NAÇÃO BRASILEIRA"

Marlete Golke

Monografia apresentado ao Curso de Especialização em História do Brasil do Programa de Pós Graduação em História / Área de Concentração História Regional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – RS) como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em História do Brasil

Orientador: Carlos Henrique Armani

Santa Maria, RS, Brasil

2011

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

GILBERTO FREYRE E A CULTURA AMEAÇADA: AS FRONTEIRAS ENTRE IDENTIDADE E ALTERIDADE DA "NAÇÃO BRASILEIRA"

elaborada por
Marlete Golke

como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em História do Brasil

COMISSÃO EXAMINADORA:

Carlos Henrique Armani, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Maria Medianeira Padoin, Dr. (UFSM)

Alexandre Maccari Ferreira, Msc. (UNIFRA)

Santa Maria, 30 de novembro de 2011.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação em História do Brasil
Universidade Federal de Santa Maria

GILBERTO FREYRE E A CULTURA AMEAÇADA: AS FRONTEIRAS ENTRE IDENTIDADE E ALTERIDADE DA "NAÇÃO BRASILEIRA"

AUTORA: MARLETE GOLKE
ORIENTADOR: CARLOS HENRIQUE ARMANI
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 30 de novembro de 2011.

Em 1940 foi lançado um livro de Gilberto Freyre intitulado "Uma Cultura Ameaçada: a Luso-brasileira". Oriundo da Conferência proferida em Pernambuco em homenagem ao Centenário de Fundação de Portugal e de sua Restauração, o autor enfatiza a matriz lusa na definição da identidade nacional brasileira. Para ele, a formação de uma sociedade híbrida se fundamenta na suposta plasticidade do português, que permite a miscigenação de culturas. A flexibilidade enfatizada por Freyre se sustenta na ideia do equilíbrio de antagonismos, que por muito tempo, explicou e sustentou certa versão de nossa identidade. Ao analisar a maneira como Freyre percebe os alemães e seus descendentes no Brasil, contudo, o equilíbrio de antagonismos se desfaz em razão de uma alteridade não canônica que o autor não apreende como sujeito formador do ser do Brasil. Os extremos desencontrados convivem em harmonia até o momento que esses valores são ameaçados por uma cultura não encontrada nesses antagonismos. E o ponto culminante dessa negação do outro se encontra na obra acima citada, o que será investigado ao longo desta monografia.

Palavras-chave: Identidade. Culturas. Equilíbrio de antagonismos. Alteridade.

ABSTRACT

Monograph of Specialization
Program of Post-graduation on History
Federal University of Santa Maria

GILBERTO FREIRE AND THE CULTURE ON RISK: THE BOUNDARIES BETWEEN IDENTITY AND OTHERNESS ON THE "BRAZILIAN NATION"
AUTHOR: MARLETE GOLKE
ADVISER: CARLOS HENRIQUE ARMANI
Santa Maria, 30 de novembro de 2011.

About 1940 was released a book by Gilberto Freyre titled "Uma Cultura Ameaçada: a Luso-brasileira". Origined from a conference spoken in Pernambuco in honor to the Centenário de Fundação de Portugal e de sua Restauração, the author enphaticizes the lusitan pattern in the definition of the brazilian national identity. For him, the formation of an hybrid society is settled on the suposed plasticity of Portuguese people, wich allows the culture miscegenation. The flexibility emphasized by Freyre is holden on the idea of the balance of antagonisms, that, for many times, explained and sustained certain version of our identity. At analyzing the way how Freyre perceives the deutch and their descendents in Brasil, however, the balance of antagonisms vanishes itself because of one non-canonical otherness that the author does not acquire as forming factor of Brazilian being. The mismatched edges live together in harmony till the moment that these values are menaced by a culture not found inside these antagonisms. And the culminating point of this denial of the other is found in the piece mentioned above, what will be investigated along this monography.

Key-words: Identity. Cultures. Match of antagonisms. Otherness.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 6

2 O PENSAMENTO DE GILBERTO FREYRE NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA 8

3 IDENTIDADES REINVENTADAS 19

4 UMA CULTURA AMEAÇADA? 28

5 CONCLUSÃO 40

REFERÊNCIAS 42

1 INTRODUÇÃO

A identidade sempre foi uma preocupação constante por parte de intelectuais do mundo principalmente durante a formação das nações-Estado. Para nós brasileiros, essa tarefa não foi diferente e vários intelectuais se engajaram nessa questão.

Pensar a nacionalidade brasileira se constituiu numa inquietação por parte dos artistas e intelectuais fortemente discutida e pensada no século XIX e início do XX, pois uma unidade política, para existir, precisa de uma justificativa afetiva, de significados comuns a todos numa mesma sociedade. A fim de compreender como se construiu uma identidade coletiva do Brasil e sua relação com a alteridade, principalmente nos anos 30 do século XX, buscamos uma obra de Gilberto Freyre para analisar e refletir o que, para o autor, se constituiu como o elemento formador da nacionalidade brasileira.

Para Gilberto Freyre a identidade brasileira era pluralista sedimentada em matriz luso miscigenada com outras culturas provendo disso, a tese que ele denomina de "equilíbrio de antagonismos". Essa tese torna-se fundamental nesse trabalho para compreender a identidade coletiva que o autor estabelece, por meio da qual podemos analisar quais culturas se inserem nessa coletividade da formação identitária da nação brasileira no pensamento freyriano e quais ficaram fora, como elementos exteriores da nação. Pretendemos focar a análise do pensamento de Gilberto Freyre sobre a identidade nacional brasileira entendida como coletiva e assim, estabelecer a estreita relação desta com a cultura teuto-brasileira presente na obra do autor.

Gilberto Freyre foi um dentre os intelectuais que pensou o país de forma diferente, no início do século XX, mais precisamente nos anos 1930, inovando em métodos e noções atreladas a cultura. *Casa-grande & Senzala*, publicada em 1933, foi a grande obra que, desde então, se tornou perene na nossa História marcando a ousada reinterpretação da formação sociocultural do povo brasileiro. Sua interpretação deu-se numa dimensão e concepção de cultura influenciada na antropologia norte-americana de Franz Boas. O momento em que Freyre, escreve a raça já não encontra mais dimensão no determinismo biológico, pois as ciências estão voltadas para a grandeza cultural estreitando a relação raça nessa relação.

O presente trabalho segue dividido em capítulos que obedecem a uma sequencia lógica do assunto, conforme as leituras foram realizadas para analisar a relação equilibrada e conflituosa das culturas brasileiras que compõem a nossa diversificada identidade nacional. Assim, não encontramos ênfase nos trabalhos revisitados que façam menção a esse conflito

com a análise do pensamento freyriano nessa relação de identidades. No mais, o trabalho vem a contribuir para essa lacuna na nossa historiografia com a discussão teórica sobre a identidade e alteridade da nação brasileira por meio da apresentação geral do pensamento de Freyre.

No primeiro capítulo teremos uma breve revisão bibliográfica sobre os trabalhos que inquiriram o pensamento de Gilberto Freyre salientando as principais ideias sobre seu trabalho que encontram semelhanças, como a valorização do branco português para a colonização e história do país que irá se refletir na identidade nacional conferida pelo autor.

Na segunda parte, pretende-se uma apresentação a respeito da identidade nacional numa trajetória do pensamento conservador e racista do século XIX e sua transformação em inícios do século XX. Nesse, se enquadra o pensamento de Freyre sobre a cultura nacional embebida das diversidades da nossa colonização lusa e um sistema escravista onde a identidade se delineia no equilíbrio de antagonismos dessa história.

Por fim, a apresentação da obra produzida nos anos 1940 intitulada *Uma Cultura ameaçada: a Luso-brasileira* oriunda de uma conferência realizada em Pernambuco nas comemorações dos centenários da história de Portugal. Esse acontecimento coincide, grosso modo, com o contexto da Segunda Guerra Mundial. E Freyre assume uma postura defensiva sobre a nossa história nacional com raízes na cultura luso-brasileira que fora constituída a partir da diversidade – o branco, o negro e o índio – no seu conceito de 'democracia racial e social' juntamente com o 'equilíbrio de antagonismos' da nossa história brasileira.

O 'equilíbrio de antagonismos' presente nas obras do autor é passível de reflexões, principalmente por quem ele entende ser o outro nesse equilíbrio, como ele justapõe a diversidade, o diferente nessa identidade nacional. A isso buscamos compreensão no livro *Uma Cultura ameaçada: a Luso-brasileira*, onde indagamos a ameaça dessa cultura por outra cultura.

Por fim, uma palavra sobre nação. Não pretendemos trabalhar as relações do pensamento de Freyre com o Estado brasileiro nem suas relações políticas em termos mais circunscritos. Além disso, não estamos realizando uma interpretação de sua obra calcada numa suposta materialidade do Estado-nação. Trabalhamos tão-somente com a idéia de nação na condição de um artefato cultural, uma comunidade imaginada (ANDERSON, 2005), sem entrar no mérito de sua existência "fora" do pensamento que a produz.

2 O PENSAMENTO DE GILBERTO FREYRE NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Neste primeiro capítulo buscamos uma aproximação com o autor analisado e uma revisão bibliográfica dos trabalhos que examinaram o pensamento de Gilberto Freyre.

Nos anos 1930 procurou-se transformar o conceito de homem brasileiro e definir uma identidade e ideologia do trabalho. Frente a essa nova realidade e necessidade, a ambiguidade da identidade e ideologia do ser nacional forjada pelos intelectuais do século XIX não poderia mais existir e tratou-se de adequar as mentalidades às novas exigências de um Brasil moderno. Nesse período três grandes nomes foram decisivos na reorientação da historiografia brasileira: Caio Prado Jr., Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Essa trilogia se tornou clássica e de uma forma ou outra os historiadores acabam por tomar o testemunho de um autor pela própria explicação histórica (ORTIZ, 2006. p 40). A produção do conhecimento é uma forma de buscar esses testemunhos para análise e produção de um novo conhecimento que aproxime todas as expectativas para o vértice do esclarecimento de nossa História.

Em geral, a historiografia relativa à Gilberto Freyre é marcada por uma valorização da contribuição do branco português e do negro para a formação social, econômica e cultural do Brasil. Outros associam seu pensamento à construção de uma identidade dos setores dominantes da sociedade, a partir do desenvolvimento de um pensamento comprometido com a manutenção das estruturas sociais legitimando a estrutura vigente e amenizando as controvérsias.

Nesse período Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Holanda representam a origem de uma instituição então ainda recente na sociedade brasileira buscando neste universo uma compreensão distinta da realidade nacional dentro de um mundo específico: a universidade.

Já Gilberto Freyre, produziu seus escritos fora dessa instituição “moderna” representando continuidade e permanência de uma tradição trabalhando numa organização nos moldes de antigos Institutos Históricos e Geográficos. O seu estilo é “oral, coloquial, como uma conversa informal entre o presente e o passado” sendo perceptível e característico em qualquer obra de sua autoria (REIS, 2007, p.52). Reconhecido como superior da ciência social pelos mais importantes cientistas sociais do mundo como L. Febvre, F. Braudel, R. Barthes entre outros, porém “nunca aceitou ser classificado como ‘especialista’ das ciências sociais, antropólogo, sociólogo ou historiador, e sempre se apresentou como escritor” (FREYRE *apud* REIS, 2007, p. 51). Renato Ortiz (2006) acredita que o trabalho de Gilberto

Freyre atende a uma demanda social escrito exatamente três anos após mudanças políticas inserindo seus escritos num quadro em que o debate sobre a "formação nacional compõe um cenário político em que a centralização administrativa altera o lugar não apenas das regiões como dos grupos que exercem o poder local e regional" (BASTOS, 2004. p. 217).

Seus escritos sobre o Brasil, talvez, sejam considerados para alguns como 'naturalistas' demais e ao mesmo tempo um avanço para o conhecimento da sociedade brasileira pela metodologia diferenciada ligada à ciência social. Sua formação é basicamente norte-americana onde teve contato com Franz Boas obtendo com este uma orientação indiretamente alemã ligada ao historicismo de Dilthey, Simmel e Weber. Para Barbu, Freyre encontrou-se com a sociologia compreensiva de Weber com a abordagem empática agregada de "noções de variável importância metodológica como as de 'personalidade' e 'desdobramento consciente da personalidade'" (BARBU apud REIS, 2007, p. 53).

Nesse sentido, Freyre inovou metodologicamente usando uma base documental diferenciada das comumente convencionais utilizadas por autores anteriores pautando "dados colhidos em diários íntimos, cartas, livros de viagens, folhetins, autobiografias, confissões, depoimentos pessoais escritos e orais, livros de modinhas e versos, cadernos de receitas, romances, notícias e artigos de jornais" (BASTOS, 2004, p. 218).

José Carlos Reis (2007), ao analisar *Casa Grande & Senzala*, mostra que Gilberto Freyre lança um novo olhar sobre o negro na historiografia brasileira e que este livro publicado nos anos 1930, serviu de contribuição para os posteriores estudos teóricos e acadêmicos sobre os principais aspectos sociais e culturais da sociedade nordestina brasileira em geral, durante o período colonial. Na mescla da arte do saber, Freyre une a literatura, pois se proclama mais escritor que antropólogo, com sua formação antropológica realizando uma escrita cheia de afetividade dentro de um contexto cultural nordestino-brasileiro, aparecendo apontamentos dessa sociedade numa discussão entre o passado e o presente. Ele fará o seu reelogio em plena crise do poder oligárquico e sua opção com o passado se radicaliza e se torna menos crítico, abrandando a relação senhor-escravo e trazendo para o palco da História os excluídos da visão do Brasil que se tinha até então. A integração dos negros, os índios, a miscigenação, os brancos pobres, a cultura popular etc., é idealizada pelo antropólogo no presente e num futuro que ele assim considera. Nas palavras de Reis, "a experiência da finitude torna os poderosos de ontem mais brandos, e os seus oprimidos de então, eles os vêem, agora, com doçura, com amizade e ternura" (REIS, 2004, p. 60).

Freyre consegue reeditar a temática racial para constituí-la em objeto privilegiado de estudo para a compreensão do Brasil como se fazia no passado, apoiando-se para tanto no

tripé negritude, mestiçagem e lusitanismo fornecendo uma imagem positiva do Brasil para brasileiros e também para o exterior (PENSAVENTO, 2004, p. 179). A predominância do mestiço em suas obras se dá no momento de passagem do conceito “raça” para “cultura” o que permitiu ao autor um distanciamento entre o biológico e o social possibilitando uma maior e melhor análise da sociedade. Essa influência se deu através de Franz Boas e, segundo Elide R. Bastos (2004), Freyre consegue organizar os elementos da sua pesquisa recuperando os usos e costumes do povo, para encontrar neles as raízes culturais e sua relação com os grupos formadores da sociedade brasileira quanto às formulações sobre as diferenças entre raça e cultura na sua interpretação da sociedade brasileira levando-o assim, a refletir sobre a miscigenação (BASTOS, 2004, p. 219).

Na visão de Freyre, – já no presente no livro *Casa-grande & Senzala* – a ideia central na redefinição da identidade brasileira, toma por base a reelaboração cultural, presente no conceito da mestiçagem, o princípio da produção do novo a partir dos componentes formativos se estendia para além dos critérios puramente raciais e étnicos, ou seja, José Carlos Reis (2007) afirma que Gilberto Freyre faz um reelogio à colonização portuguesa de forma saudosista, entendendo como uma justificação para a conquista e a ocupação portuguesa do Brasil. Para ele a sociedade multirracial dos trópicos obteve as características dos portugueses, sendo esta uma solução para a identidade brasileira das elites que justificavam sua posição de status de cor na sociedade, pois a presença negra não comprometeu em nada a criação portuguesa; pelo contrário, foi um esteio indispensável para a contribuição à colonização portuguesa e, também, civilizadores do Brasil. Tal contribuição não era nem se quer mencionada pelos intelectuais do século XIX. Apesar de não levar em consideração a condição econômico-social de escravo-negro, o livro *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, foi fundamental para a construção dessa representação, de um Brasil positivamente mestiço. Freyre diz o seguinte:

> O professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão. Conheci-o nos meus primeiros dias em Colúmbia. Creio que nenhum estudante russo, dos românticos, do século XIX, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da Rússia do que eu pelos do Brasil na fase em que conheci Boas [...] Foi o estudo de antropologia sob a orientação do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio (FREYRE, 2001, p. 45).

Essa tentativa de recuperar positivamente a contribuição do negro e transpor o conceito biológico de raça leva Freyre à interpretação da mestiçagem positiva e da harmonia racial brasileira, ou seja, ele explica que o professor antropólogo americano, Boas, influenciado pelas análises culturalistas, passa a apresentar versão que valorizava a miscigenação ocorrida, tratando-a, a partir da cultura e não mais da raça, por isso que Franz Boas enfatiza a centralidade do conceito de cultura para a compreensão da diversidade humana, retirando qualquer cientificidade da noção biológica de raça:

> A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme, entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido da aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sandiuchada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação. A índia e a negra-mina a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil (FREYRE, 2001, p. 46).

Assim, Freyre, discípulo de Franz Boas, também se colocava parcialmente contra as interpretações evolucionistas e deterministas que explicavam a sociedade pela raça e o meio, indicando que a etnia só poderia ser explicada através da cultura. Não haveria, pois, os processos degenerativos, métodos de seleção eugênica, hierarquias entre raças e condenações inexoráveis aos povos, mas sim uma compreensão dos modos de ser e dos valores e significados pertinentes a cada cultura. Brasilio Sallum Jr. (2002) aponta que os argumentos sistematicamente desenvolvidos no livro *Casa Grande & Senzala* correspondem às aversões contra as crenças “que atribuíam as “deficiências” do país às suas características de clima (tropical e não temperado), de raça (mestiça e não pura e branca) ou à incivilidade dos europeus que nos colonizaram (portugueses pouco progressistas e não ingleses) “(SALLUM JR., 2002, p. 229).

A desconstrução das crenças derivadas do universo intelectual europeu predominante na sociedade brasileira de então e substituí-las por uma nova concepção de Brasil, fundada pela pesquisa científica constituiu a tarefa maior de *Casa Grande & Senzala* surgindo elementos positivos para o país mostrando que o colonizador português, próprio fruto da hibridação racial e cultural, funde-se, por meio dos processos de miscigenação racial e da assimilação cultural convertendo-se numa população mestiça portadora de uma cultura ainda mais plástica que a trazida da Europa. O colonizador português é apresentado como a plasticidade das relações desempenhadas pelos brancos e não-brancos tanto na mestiçagem

quanto na miscigenação. Nessa conduta, Brasilio Sallum Jr. (2002), mostra que na visão de Freyre foi a mestiçagem cultural e racial que deu aos colonizadores portugueses melhor condição de adaptarem-se ao trópico e fundarem uma civilização original sendo, portanto, superiores a outros povos europeus marcados pela rigidez de conduta associada ao protestantismo e consequentemente "amortecer" as diferenças das relações no escravismo brasileiro (SALLUM JR., 2002, p. 329 – 331).

Ricardo Benzaquen de Araújo (1994) ao analisar as obras de Freyre da década de 1930, em especial, *Casa Grande & Senzala,* revela outro mundo atento às ambiguidades e paradoxos do pensamento Freyriano. No conjunto dessa produção intelectual inicia surpreendentemente com uma citação presente no prefácio da obra afirmando que este endossa claramente uma posição racista deixando a impressão de que o livro inteiro foi escrito para refutá-la. Iniciando com a questão da raça de forma 'dramática', Freyre teria exposto essa confissão para ao mesmo tempo distanciar-se dela através dos estudos e orientações vindos do pensamento de Franz Boas distanciando os traços de raça e efeitos do ambiente da cultura, ou seja, a diferenciação dos critérios de raça e cultura. Vejamos a passagem:

> vi uma vez, depois de quase três anos maciços de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais – mulatos e cafuzos – descendo não me lembro se do *São Paulo* ou do *Minas* pela neve mole do Brooklin. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. E veio-me à lembrança a frase de um viajante inglês ou americano que acabara de ler sobre o Brasil: 'there ar fully mongrel aspect of the population'. A miscigenação resultava naquilo (FREYRE apud ARAÚJO, 1994, p. 25).

Esclarecendo a passagem citada, Benzaquen de Araújo (1994), aponta que na época em que foi produzido *Casa-grande & Senzala,* era frequente acentuar a mistura de etnias na discussão do problema racial fazendo parecer um fato natural no contexto da intelectualidade e da sociedade brasileira que apresentava duas posições distintas sobre a miscigenação. Uma das posições sustentava que esta era inviável no país porque conduziria à esterilidade. A outra posição era sustentada pela teoria do branqueamento. Tanto uma quanto outra postulam a supremacia branca para dar sentido ao argumento e Freyre teria inaugurado uma terceira posição valorizando as igualdades do negro e do português superando a imagem depreciativa do nosso país (ARAÚJO, 1994, p. 25-27).

Talvez uma das mais severas críticas que a obra de Freyre costuma receber seja que ao enfatizar a convivência passiva e ressaltar as contribuições de brancos e negros lançando a ideia de uma identidade coletiva é a de que ele se afasta do racismo e admite a relevância de outras culturas permitindo criar "uma imagem quase idílica da nossa sociedade colonial,

ocultando a exploração, os conflitos e a discriminação que a escravidão necessariamente implica atrás de uma fantasiosa "democracia racial"" (ARAÚJO, 1994, p. 29).

Outro aspecto enfatizado por Benzaquen de Araújo (1994) é o louvor à biologia que para ele parece muito mais compatível com o determinismo racial do século XIX que com o elogio da diversidade cultural que o autor busca endossar, observemos:

> pode-se juntar à [...] superioridade técnica e de cultura dos negros, sua predisposição como que biológica e psíquica para a vida nos trópicos. Sua maior fertilidade nas regiões quentes. Seu gosto de sol. Sua energia sempre fresca e nova quando em contato com a floresta tropical. (FREYRE apud ARAÚJO, p. 30).

A citação faz parte dos argumentos de Benzaquen (1994) para enfrentar a posição que ele mesmo considera constrangedora com a postura adotada por Freyre com a pretensão de originalidade reservada ao livro *Casa-grande & Senzala* recorrendo ao relativismo de Boas para se distanciar dos seus antecessores nacionais. As explicitações como a do trecho acima citado causam certo conflito de imprecisões na obra Freyriana, porém o aproveitamento da ideia sobre raça não encontra força para cancelar a dimensão que a cultura passa a adquirir e expandir a discussão.

Um dos pontos de referência na revisão de Benzaquen de Araújo (1994) sobre a obra de Freyre é como os debates políticos e intelectuais propiciados pelo Iluminismo e as concepções de raça que informam o contexto muito aparente e dependente de propostas oriundas dessas correntes e uma redefinição da própria ideia de natureza humana que o autor desenvolveu em *Casa-grande &Senzala.* Uma dessas concepções se alinha de maneira ortodoxa ou radical com a lógica iluminista denominada *poligenismo*[1] que postula a existência de múltiplos e independentes centros de criação da raça humana. A outra posição alternativa a esta vem a ser chamada de *monogenismo* que se distingue da anterior apenas pela afirmação da existência de uma única origem para todo o gênero humano (ARAÚJO, 1994, p. 33-35). Ambas as posições marcaram presença na discussão sobre os destinos do Brasil que antecedeu a elaboração de *Casa-grande & Senzala,* que por sua vez, atravessou essas ideias enriquecendo sua reflexão.

Benzaquen de Araújo (1994) discute essas ideias e podemos sintetizá-las por menores detalhes tomando por base a ideologia poligenista que com seu exclusivismo étnico o País estaria fadado ao fracasso em virtude da ampla acolhida que aqui teve a mestiçagem e sendo

---

[1] O poligenismo foi muito defendido por Voltaire durante o século XVIII e exibia como seu principal argumento a antiga fórmula *pré-adamita,* da época do Renascimento, ou seja, antecedendo o aparecimento de Adão. Para saber mais sobre as duas posições ver: STOCKING, George W. **Race, culture and evolution.** Nova York: The Free Pass, 1968; POLIAKOV, Léon. **O mito ariano**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

as raças incompatíveis, o resultado seria a esterilidade e a ruína. Pela ótica monogenista ter-se-ia uma disseminação da herança ocidental desde sob o seu estrito controle, tornando intelectualmente possível uma fórmula como a do branqueamento (ARAÚJO, 1994, p. 34-35). Observemos:

> A supremacia da raça branca, quer assumindo o papel de único representante da natureza humana, quer se comportando como a sua norma e o seu exemplo, dá realmente a impressão de se constituir em um ponto de convergência das propostas que, partindo do Iluminismo, desenvolveram ao longo do século XIX todo um raciocínio baseado no mais rigoroso determinismo biológico. (ARAÚJO, 1994, p. 35)

Desafiando as ideologias persistentes no mundo intelectual e nas sociedades onde tiveram forte afinco, Freyre elabora *Casa-grande & Senzala* refletindo a sociedade brasileira e o futuro a ela reservada de forma diferente das que se acreditava até então.

Em sua obra, a noção de raça é conduzida de forma a 'celebrar' a miscigenação acentuando o valor das contribuições negras e árabes para a cultura nacional, contrariando as posições que buscavam estabelecer a hierarquia racial e superioridade branca, apresentando e até mesmo inaugurando assim, um novo pensamento para o século XX. Ora, desafiar era o que Freyre fazia em suas obras, empregando noções contraditórias ou mesmo aumentando as imprecisões como ocorre ao inserir a ideia de clima, pois para Benzaquen de Araújo (1994) a introdução da categoria 'meio físico' é fundamental para compreender a obra de Freyre e a forma como é dimensionada e conduzida a questão do conceito de raça, uma vez que para ele é transmitida a curiosa sensação de que o autor não quer se comprometer com o seu sentido mais usual, deixando o leitor diante de um dilema ou, pelo menos, obrigando a questão a permanecer em aberto. Vejamos a referência Freyriana no que se refere ao clima:

> embora o clima já ninguém o considere o senhor-deus-todo-poderoso de antigamente, é impossível negar-se a influência que exerce na formação e no desenvolvimento das sociedades, senão direta, pelos efeitos imediatos sobre o homem, indireta pela sua relação com a produtividade da terra, com as fontes de nutrição e com os recursos de exploração econômica acessíveis ao povoador. (FREYRE, apud ARAÚJO, 1994, p.36).

Para Benzaquen de Araújo (1994), as imprecisões e noções contraditórias de raça e cultura povoam o texto de Freyre e seriam acentuadas com o aparecimento da ideia de clima que no seu entendimento são tratadas em pé de igualdade, mas que fazem parte dos componentes mais importantes da obra Freyriana e de seus propósitos relevantes. Assim, as imprecisões encontradas em sua análise são atenuadas através da consideração da noção de

meio ambiente que deve ser entendido como um componente intermediário entre os conceitos de raça e cultura relativizando-os e tornando-os compatíveis entre si.

Dessa forma, a compreensão só é possível porque Freyre trabalhara com a definição neolamarckiana de raça, que se baseia na aptidão dos seres humanos para se adaptar às mais diferentes condições ambientais enfatizando a capacidade de incorporar, transmitir e herdar as características adquiridas na sua interação com o meio físico que dando origem ao que Benzaquen de Araújo encontra em William I. Thomas denominando de:

> raças artificiais ou históricas, [cuja formação se dá] por intermédio da influência do *milieu* e da difusão de um fundo comum de crenças, sentimentos, idéias e interesses entre uma população heterogênea e trazida pela sorte e pelo acaso a uma mesma zona geográfica. (STOCKING apud ARAÚJO, 1994, p. 37).

Dessa forma, para Benzaquen de Araújo (1994) em *Casa-grande & Senzala*, Freyre afirma que uma raça não se transporta de um continente para outro e para tal seria necessário que se transportasse com ela o meio físico (FREYRE *apud* ARAÚJO, 1994, p. 38), convertendo a ideia de raça em um efeito e não em uma causa, e ainda, a concepção neolamarckiana conseguia consistência à cultura, porém, esta era então baseada em um compromisso biológico destoando do estilo de Franz Boas ao qual Freyre era adepto (ARAÚJO, 1994, p. 38). As teses de Franz Boas proporcionaram ao jovem Freyre preocupado em entender o impasse interpretativo da realidade do país, mencionado no prefácio da obra *Casa-grande & Senzala* que ele devia ao seu professor Boas “a revelação do negro e do mulato no seu justo valor” e aprendera a diferença fundamental entre raça e cultura (FREYRE apud PENSAVENTO, 2004, p. 183). Pesavento (2004) afirma, também, que Freyre conseguira distinguir os efeitos da genética dos das influências sociais, culturais e do meio. Diferente de Benzaquen de Araújo (1994) para Pesavento (2004) as obras Freyrianas não apresentam imprecisões, para ela, parece estar clara a posição de Freyre ao explicar a sociedade brasileira pela ótica da cultura. Este fora o princípio que norteou as ideias estabelecendo a cultura como fundamento explicativo das diferenças entre os povos e que lhe permitira ver a questão da miscigenação com outros olhos e propiciar um trabalho que adquire importância no meio intelectual da época e para estudos posteriores que de uma forma ou outra propõe a elaboração da retomada da história cultural brasileira.

No mundo bipolarizado de senhores e escravos, Freyre adverte que a miscigenação corrigira a distância social, pois no mundo do cotidiano, a violência das relações de dominação eram suavizadas pelas relações pessoais entre dominadores e dominados através do intercurso sexual. Destarte, se essas barreiras de dominação eram instransponíveis não

haveria de ter preocupações e indagações envolvendo a mestiçagem como um problema nacional e para o futuro do Brasil. E mais, Freyre admite em sua tese que o português é naturalmente predisposto ao multiculturalismo e ao cruzamento racial e étnico em virtude do seu processo histórico que remete aos tempos de Reconquista que houvera cruzamentos com árabes e na terra conquistada no além-mar os amores livres com as índias e as negras eram óbvias, além, é claro, do fator de escassez de mulheres brancas no início da colonização. Estes teriam sido fatores que se combinaram e resultaram num mundo mestiço capaz de dar ao mundo o exemplo mais bem-sucedido de integração racial (PESAVENTO, 2004, p. 183-84). Com essa postura, Freyre resgatava o mundo lusitano harmonizando as relações entre Brasil e Portugal propondo um novo olhar com a criação da ciência ou campo de estudo para analisar esta adaptação, aclimatação e aculturação do português no mundo tropical.

Dois eixos explicativos presentes na obra de Freyre são apontados por Bastos (2004) para a aproximação que levou os protagonistas da história brasileira em tempos coloniais a se miscigenar, “de um lado a discriminação entre os efeitos da herança racial e os de influência social, cultural e de meio; de outro, o peso do sistema de produção econômica sobre a estrutura da sociedade” (BASTOS, 2004, p. 219). Destes pontos, o autor analisa a sociedade brasileira apontando ao fato da monocultura latifundiária e a escassez de mulheres brancas serem a razão da relação existente entre brancos e não brancos.

Dessa forma, Bastos (2004) observa dois segmentos opostos que se correlacionam na obra: de um lado a dominação de um modelo patriarcal, ou seja, o senhor exercendo poder sobre a própria família e os escravos, de outro, essa dominação resulta numa “confraternização entre vencedores e vencidos” (BASTOS, 2004, p. 219). Pesavento (2004) segue na mesma linha de opinião, Gilberto Freyre “enfatizaria na apresentação de suas ideias, onde a violência da dominação escravocrata é substituída pelas relações pessoais entre dominadores e dominados, suavizadas pelo intercurso sexual!” (PESAVENTO, 2004, p. 183). Nesse mundo bipolarizado e controverso o autor opera a miscigenação como corretor da distância social corrigindo a fachada social e o cotidiano da vida e a casa-grande seria o centro da coesão social. As possibilidades de a sociedade brasileira, em sua estrutura, extremarem-se entre senhores *versus* escravos foi contrariada pelos efeitos sociais da miscigenação e esta, por sua vez, agindo no sentido da “democratização social” no Brasil.

A dualidade entre a ordem e a autoridade decorrentes da tradição patriarcal e a liberdade e a democracia não apresenta um perigo para a cultura que estaria se formando sobre as oposições desencadeando um equilíbrio de antagonismos (BASTOS, 2004, p. 222). Assim, o tripé, raça, meio e cultura é enfatizado e não abominado na análise de Freyre e sim

redirecionada principalmente para a cultura que tomada em seu sentido antropológico desvenda um conjunto de significados que foram construídos e compartilhados numa paisagem social indicando interação de todas as partes num sentido humanizador através do contato, convivência, troca, acomodação, enfrentamento etc., sociabilizando as diferenças. E ainda encontramos tal semelhança em Bastos (2004) ao acrescentar o modo como Freyre define o papel do escravo na formação brasileira. No diálogo com os autores de seu tempo e alguns que o precederam, principalmente racistas e os que superestimaram o indígena, Freyre ressaltou quatro pontos do negro. Entre eles, o primeiro deles foi o traço psicossocial do negro que revela a sua adaptabilidade ao trópico. O segundo foi a marca cultural que fora mais profunda do que a racial proveniente da interpenetração das culturas lusa e africana aproximando, também, os antagonismos da dominação escravocrata. O terceiro ponto é a ênfase ao papel civilizador do negro apresentando uma função social diferente da convencionalmente atribuída a persona de cor. Por fim, o quarto ponto é o resultado de todos anteriores indicando e caracterizando a sociedade brasileira pela democracia racial (BASTOS, 2004, p. 228-30).

O perfil da formação social nacional deve-se ao africano e todo brasileiro é racial e culturalmente negro. Esses aspectos e sua influência se fariam ver na moral e na religião, transformando o cristianismo rígido do português numa religião mais humana e poética. Os próprios títulos das obras de Freyre apontam para uma dinamização das relações entre dominadores e dominados representados pelo símbolo &entre as duas palavras mostrando a interpenetração de mundos distintos separados pelo *status*.

E segundo Freyre, as duas formas devem coexistir e assim conceber a sociedade nacional, porque a força da cultura brasileira reside na riqueza de antagonismos equilibrados e ao tomar somente uma das partes há perda de sentido e valor da nossa história. O autor consegue então transformar toda negatividade da intelectualidade dos séculos anteriores referentes ao modo de ver e conceber o mestiço na mais afetuosa e delicada positividade, permitindo definir uma identidade que vinha sendo desenhada mesmo ainda de forma singular. A simplicidade da questão do mestiço como vinha sendo tratada cedeu lugar para a singularidade ao invés da pluralidade do povo brasileiro e criou-se a mestiçagem nacional.

Nesses autores não encontramos nenhuma ênfase no conflito de uma identidade luso-brasileira e teuto-brasileira. Não existe, por se assim dizer, uma abordagem nos textos – de Ortiz (1982), Pesavento (2004), Reis (2006; 2007) e Benzaquen de Araújo (1994) – que faça menção ao conflito de Gilberto Freyre com a cultura e entendimento da identidade teuto-brasileira.

Essa dificuldade conflitante do autor, pois, é encontrada no livro *Uma cultura ameaçada: a Luso-brasileira* donde podemos abordar exatamente o problema freyriano relacionado com a identidade teuta-brasileira em controvérsia com a luso-brasileira nesse universo de antagonismos conciliadores na nossa formação histórica e cultural.

3 IDENTIDADES REINVENTADAS

Por muito tempo, traduzido em séculos, décadas e anos subsequentes, os relatos de viajantes foram a fonte de informação que se tinha sobre o Brasil desde as primeiras expedições europeias e sua colonização. Talvez, escrever aqui o termo '*descoberta*' do Brasil, do qual me ausento, possa soar como dominação e legitimação de um mundo branco europeu, mas alguns relatos deixaram impressões dessa nova terra com o estranhamento entre europeus e nativos. Estes constituíram as primeiras fontes e representações geográficas e sociais do Brasil para o mundo, onde este era entendido como sendo o europeu.

Com o advento da colonização, a estrutura e o modelo econômico que se adotou aqui, o negro trazido forçosamente da África passou a fazer parte do cenário luso-brasileiro, um mundo luso tropical onde o negro e o índio passaram a ser representados como 'seres exóticos' em domínios luso-brasileiros. Os retratos de artistas e relatos de viajantes constituíram e o são fontes históricas para o conhecimento. Em muitos deles, Gilberto Freyre buscou inspiração para definir o que se entendia por identidade até então, passando a elaborar o seu próprio entendimento a respeito da identidade brasileira. O debate sobre cultura brasileira e identidade nacional é assunto que remonta à historiografia desde a segunda metade do século XIX e ainda, sempre atual servindo de base para a reflexão em torno do que se entende e o que se quer ser nacional.

A cultura também é uma representação simbólica da identidade. No pensamento de Jorge Larrain (2003), o termo que conhecemos e frequentemente usamos hoje "es historicamente hablando de reciente data y está associado al nascimiento de la modernidade" (LARRAIN, 2003, p. 30). Tradução minha: É historicamente falando de recente data e está associada ao nascimento da modernidade.. Presente em todas as sociedades, a identidade é também sempre uma questão política, pois é sempre próxima da exterioridade e da interioridade de um povo, definindo-se em relação a algo que lhe é exterior e diferente, buscando afirmar a semelhança no interior do grupo e identificação com o diferente, não bastando, por isso, apenas aceitá-la (ORTIZ, 2006, p. 7-8). Assim, se o Brasil é diferente dos outros países, há de se expressar a definição desse modo diferente e a identificação disso com o povo. Gilberto Freyre, nos anos 1930, mostrara exatamente esse Brasil diferente e principalmente otimista, ao contrário do que se pensava hegemonicamente até então, sobretudo através de obras como Retrato do Brasil.

Diferentes autores – dos representantes oficiais que herdaram o poder da Coroa Portuguesa aos viajantes e intelectuais do século XIX ao XX – têm se ocupado em retratar e

até mesmo definir algo como ‘identidade’ e ‘espírito’ que represente uma nacionalidade brasileira. Tais discursos, enquanto leituras e construções de sentido em torno desse ‘povo brasileiro’ se tornaram, ao longo dos dois últimos séculos, também os seus construtores. As identidades nacionais são formadas e transformadas dentro e em relação a um sistema de representações simbólicas, na qual a construção de valores e significados culturais está inserida na história de uma nação, disseminadas pela memória dos homens que articulam o seu presente com o passado e as imagens que foram forjadas ao longo da história nacional.

É nesse contexto que as ciências sociais e humanas – a História, a Sociologia, a Antropologia – construíram a ideia de um outro. É este outro que, por muitas vezes, é assunto complexo quando a ideia sobre este ‘outro’ torna-se um problema – ou como não deixa de ser verdade, por vezes é tornado numa construção e legitimação de poder – cuja grande incógnita da resolução consiste na dificuldade de aceitar que somos feitos da pluralidade, pois o que nos singulariza como seres humanos é justamente nossa pluralidade. Com a antropologia o homem permitiu-se descobrir o outro como o fez Gilberto Freyre, descobrir e revelar exatamente o mundo daquele que é estranho à nossa cultura e que precisa ser conhecido e explicado.

No Brasil, parte dos artistas e intelectuais, durante os séculos XIX e XX, pensaram a nacionalidade brasileira, não somente como uma tradição inventada, como também a construção de uma crença nela (HOBSBAWM e RANGER, 1984, p.1). Desde o início do século XIX, buscou-se a definição daquele que seria o mito fundador do Brasil, em uma busca constante de uma representação possível para o homem brasileiro.

Cada geração une o passado e o presente de forma original elaborando uma visão particular do processo histórico. Num país colonizado, como é o caso do Brasil, torna-se interessante observar as relações estabelecidas pela intelectualidade ao conectar o “ser brasileiro” com culturas ditas exógenas. No caso de Freyre, é destacado o elo entre Brasil e sua ex-metrópole Portugal, com base na cultura que se desdobra através da influência de mandatários, religiosos, senhores, cidadãos e desdobrando-as nos usos, costumes, indumentária, culinária e arquitetura dos colonizadores e colonizados que integram a população brasileira.

Pode-se pensar o Brasil de múltiplos modos, porém nem todas essas visões, experiências diferenciadas no seio brasileiro e suas argumentações a respeito do “*ser brasileiro*” foram representadas na vida intelectual e política brasileira. Sendo a História continuamente reescrita porque o conhecimento sobre ela própria muda e, porque o presente onde se situa a reescrita é sempre novo – e os intelectuais vivem o seu próprio tempo, à

medida que este passa – é preciso ver e rever as interpretações com nossos olhos e preocupações do presente. E assim, a resposta a esses anseios revelará a identidade social e histórica de quem toma a palavra[2].

Freyre teve a preocupação de construir uma nova identidade brasileira constituída na pluralidade e diversidade da colonização portuguesa no Brasil, o que teria resultado no caráter híbrido de sua cultura. O povo brasileiro teria sido o fruto dessas diferenças, ou melhor ainda, teria se constituído a partir da diversidade. Dessa forma, para Ortiz a problemática da cultura brasileira se constituiu no passado e no presente em uma questão política, o que demonstra como a identidade nacional está profundamente ligada a esta por meio da própria construção e afirmação do Estado-nação brasileiro.

Parte das teorias elaboradas na Europa em meados do século XIX percorreu o mundo ocidental e ocidentalizado e tiveram impacto na intelectualidade brasileira. De uma forma e de outra, tais teorias delinearam os limites da produção teórica, como o positivismo de Comte, o darwinismo social e o evolucionismo de Spencer. Não pretendemos aqui aprofundá-las, mas enfatizar as influências da *'inteligentsia'* europeia e o aspecto comum que elas apresentam. Apesar de ser distintas entre si, o evolucionismo permite e possibilita essa elite consolidar suas teorias nos mundos povoados por primitivos que segundo elas, não atingiram uma sociedade dita complexa e evoluída, ou seja, superior e arranjando esse processo parecer 'natural' nas sociedades. Dessa forma, o evolucionismo naturaliza e legitima uma posição hegemônica do mundo europeu também denominado ocidental (ORTIZ, 1982, p. 14 – 15).

Segundo Ortiz (1982), a emergente nação brasileira encontrou-se no meio desse ambiente predominado pela ideia do evolucionismo e para legitimar e inserir a realidade nacional nessa teoria, o pensamento brasileiro, então, acrescentara os argumentos de duas noções, o *meio* e a *raça* passando a integrar tal especificidade, como complementa o autor:

> Os parâmetros raça e meio fundamentam o solo epistemológico dos intelectuais brasileiros de fins do século XIX e início do século XX. A interpretação de toda história brasileira escrita no período adquire sentido quando relacionada a esses dois conceitos-chaves. [...] A compreensão da natureza, dos acidentes geográficos esclarecia assim os próprios fenômenos econômicos e políticos do país. Chegava-se, desta forma, a considerar o meio como principal fator que teria influenciado a legislação industrial e o sistema de impostos, ou ainda que teria sido elemento determinante na criação de uma economia escravagista. Combinada aos efeitos da raça, a interpretação se completa (ORTIZ, 1982, p. 15).

[2] Ver prefácio de REIS, J.C. **As identidades do Brasil**: se Varnhagen a FHC. 9 ed. ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

Observa-se nesse trecho a ênfase de Ortiz (1982) ao afirmar que a identidade nacional sempre está atrelada a uma questão política e assim, o pensamento vindo de 'fora' fornece as bases do pensamento nacional e a raça e o meio constituíam-se em categorias do conhecimento que definiam o quadro interpretativo da realidade nacional do Brasil, quer na economia, na cultura ou na política sempre apresentando ideais dominantes apreendidas em termos deterministas a exemplo de alguns intelectuais como Nina Rodrigues, que aceitou e fez prevalecer à suplantação do homem pela natureza.

Gilberto Freyre converteu essa visão pessimista de mundo atribuída a nossa identidade nacional em uma nova visão do Brasil, apresentando argumentos baseados num conhecimento crítico da realidade histórica brasileira desde a Colônia.

Em *Casa-grande & Senzala* (FREYRE, 2003) sobre a formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida, o autor escreve sobre a organização da sociedade brasileira e a aptidão dos portugueses ao trópico, uma vez demonstrada já na Índia e na África. Essa aventura portuguesa formou na América uma sociedade híbrida na composição – branca negra e indígena – que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça ou quase nula nesse português cosmopolita e plástico do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política.

A singular predisposição do português para este tipo de colonização – híbrida e escravocrata – nos trópicos, explica em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África, não havendo uma intransigência de uma nem de outra e sim das duas culturas. As influências africanas com "ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval" reinando antes a África do que Europa. Essa indecisão étnica e cultural entre Europa e África é para Freyre a mesma que em Portugal como em outros pontos da Península Ibérica e que posteriormente irá se refletir no Brasil através da colonização lusa e "gente mais flutuante que a portuguesa, dificilmente se imagina; o bambo equilíbrio de antagonismos reflete-se em tudo que é seu, dando-lhe ao comportamento uma fácil e frouxa flexibilidade" (FREYRE, 2003, p. 67).

Esses salientes contrastes da cultura portuguesa que vão de extremos desencontrados indo da sintonia, dos entusiasmos, do amor, do dinamismo – constante estado de guerra na expulsão dos mouros, atividade guerreira, que se compensava do intenso esforço militar relaxando após a vitória sobre o trabalho agrícola e industrial, sobre a escravidão dos vencidos – à indiferença, a arrogância, a apatia alternando esses contrastes em reciprocidades no seu comportamento e sua história, sua vida, sua cultura. Alterna a indolência com o amor, uma

gente de mobilidade, de plasticidade e adaptabilidade tanto social como física que são facilmente admirados nos portugueses como se pode observar nesse trecho de *Casa-grande & Senzala*:

> O que se sente em todo esse desadoro de antagonismos são as duas culturas, a europeia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibram ou se hostilizam. Tomando em conta tais antagonismos de cultura, a flexibilidade, a indecisão, o equilíbrio, a desarmonia deles resultantes, é que bem se compreende o especialíssimo caráter que tomou a colonização do Brasil, a formação *sui generis* da sociedade brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre antagonismos (FREYRE, 2003, p. 69).

Assim, a cultura luso-brasileira em nada carece de uma plasticidade, ela é perfeitamente adaptável, aberta para o outro por meio da miscigenação que enriqueceu seus valores culturais e tornaram a cultura lusa mais entesada, integrada e confraternizadora para com os elementos – culturas e raças – que lhe é exterior. É a exaltação da colonização portuguesa no trópico por Gilberto Freyre, colonização esta que foi permitida por inúmeros aspectos:

> Por todas aquelas felizes predisposições de raça, de mesologia e de cultura a que nos referimos, não só conseguiu vencer as condições de clima e de solo desfavoráveis ao estabelecimento de europeus nos trópicos, como superior a extrema penúria de gente branca para a tarefa colonizadora unindo-se com mulher de cor. Pelo intercurso com mulher índia ou negra multiplicou-se o colonizador em vigorosa e dúctil população mestiça, ainda mais adaptável do que ele puro ao clima tropical. A falta de gente, que o afligia, mais do que a qualquer outro colonizador, forçando-o à imediata miscigenação – contra o que não o indispunham, aliás, escrúpulo de raça, apenas preconceitos religiosos – foi para o português vantagem na sua obra de conquista e colonização dos trópicos. Vantagem para a sua melhor adaptação, senão biológica, social (FREYRE, 2003, p. 74-75).

Quando o português se estabeleceu no trópico americano teve de mudar radicalmente o seu sistema como a alimentação fazendo da comida dos índios o seu pão. Isso não foi empecilho para os portugueses, uma vez que já eram propensos à assimilação de outras culturas por suas experiências e pela sua história. Tudo aqui era desequilibrado, forças extremas e antagônicas de um sistema escravocrata, mas pela grande predisposição dos portugueses esses grandes antagonismos foram equilibrados na tese da ‘democracia racial e social’. Pois, o português já representava a mistura de raça com os mouros, logo, é um cruzamento de raças e culturas, diferente dos alemães, por exemplo. Não há a abolição da raça, apenas um redirecionamento dela para a cultura e não para o biológico.

Gilberto Freyre desenvolveu a noção de uma identidade e cultura nacional alicerçada sobre três raças fundamentais: o branco, o negro e o índio. E o negro visto a mercê desse processo passa a ser integrante ativo na construção da nova concepção de cultura. A própria cultura, também, fora interpretada com diferentes variantes "como arte y vida intelectual y por otro cultura como los significados y valores sedimentados em modos de vida diferentes y específicos" (LARRAIN, 2003, p. 31), ou seja, passando de um conceito de arte para valores e modos de convivência e interação simbólica com os outros, compreendendo acima de tudo formas diversificadas dentro das sociedades compondo as diferentes identidades dos povos, na qual os indivíduos vão se definindo e estreitando a relação – interação com os outros. Então identidade é a construção simbólica que vêm a ser uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos como, por exemplo, o 'pessimismo' de Nina Rodrigues e o 'otimismo' de Gilberto Freyre (LARRAIN, 2003, p. 7-9).

Existe certo tempo de maturação para cada teoria e o próprio momento em que os intelectuais também escrevem como aconteceu com as teorias raciais e o evolucionismo. As teorias exigem esse tempo para o desenvolvimento e sua aceitação por parte dos intelectuais. Com as publicações de Franz Boas, podemos falar que foi defendida a tese de que as diferenças culturais entre os povos não resultam de fatores relacionados com inferioridades biológicas, mas sim de fatores de desenvolvimento histórico de diversa ordem. Esta ideia defendida por Boas influenciou muitos antropólogos e historiadores, tendo uma importância decisiva na obra de Freyre, que começou a pensar a cultura brasileira com outros argumentos e teorias diferenciando a cultura da raça. Esse foi um grande progresso para a construção da nossa cultura nacional e para os intelectuais posteriores que a estudaram voltada pra dentro, amiúde, para o interior dessa sociedade que aqui se formara abrindo caminhos para 'descobrir' novos conceitos de cultura e identidade evitando, assim, os riscos e a ignorância de se deixar "aculturar por línguas e histórias de outras identidades que consideram enobrecedoras" (REIS, 2006, p. 9). Jorge Larrain (2003) também provoca para esta questão no contexto das teorias evolucionistas, vejamos:

> A comienzos del siglo XIX el término cultura se utilizo también en el contexto de intentos por escribir historias universales del desarrollo de la humanidade. Así Herder hablaba de "culturas" em plural, para expressar la idea de que los procesos de desarrollo de cada Pueblo contribuyen a la creación de distintas formas intelectuales o culturas diferentes. Todo este desarrollo configura lo que podríamos llamar la concepción clássica de cultura que se refiere a um proceso de desarrollo de facultades humanas relacionado com la asimilación de obras intelectuales y artísticas y vinculado al carácter progresista de la edad moderna. Hacia fines del siglo XIX se

> produce um cambio importante en el concepto, que se relaciona com el surgimento de la antropologia y que le da um carácter social. El énfasis em el desarrollo del espíritu se desplaza hacia un énfasis em las costumbres, prácticas, modos de vida y creencias de una sociedad. De algún modo este desplazamiento está condicionado por la expansioón colonial europea y la necesidad de adaptar el concepto a las tareas de la descripción etnográfica de las colônias (LARRAIN, 2003, p. 31).

Dessa forma as teorias evolucionistas carregadas de racismo com outros povos que não fossem brancos europeus dominaram o cenário intelectual europeu a fim de promover e justificar o imperialismo nas colônias. Freyre se distancia de tal posição, conserva a tradição lusa, mas ambientado na interação das culturas antagônicas na nossa identidade nacional e possível pela predisposição dos colonizadores portugueses.

Na interpretação de Stuart Hall, Reis (2006) apresenta duas formulações que se opõem e impõe a questão da identidade. Uma delas é a formulação essencialista do problema da identidade, a partir, do ponto de vista da continuidade que leva consigo as indagações do quem somos, o que queremos ser, qual o núcleo autêntico e estável do nosso eu e grupo, ou seja, trata-se de uma identidade imutável, íntegra, sempre idêntica a si mesma, que não podia falhar. A outra é a formulação não-essencialista do problema e parte do ponto de vista da descontinuidade, de como temos nos representado e como essas representações nos afetam levando a refletir o que desejamos e podemos nos tornar, assim a construção da identidade não é algo cristalizado no tempo e no discurso, este fornece as bases para a construção e transformação em direção ao ‘eu’ desconhecido que luta por reconhecimentos locais e pontuais onde não há exclusão do outro e sim, uma flexibilidade favorável à esfera cultural (REIS, 2006, p. 11 – 13).

No início do século XIX parte dos intelectuais estava preocupada em legitimar e justificar o que queriam ser, pois sabiam bem o que não queriam ser ou, da mesma forma, o que o Estado não queria ser enquanto nação e, para tal, não queria a participação do negro e a mestiçagem excluindo-as da esfera cultural influenciada por aquelas teorias racistas e evolucionistas de inferioridade biológica dos povos. Essas limitações acima são superadas no tempo ao passo que se criam novas interpretações e novas respostas precisam ser formuladas para atender a essas novas exigências e legitimar outra realidade, uma vez que estão sempre em transformação no tempo assim como a realidade e as ideias são mutáveis no tempo e, dessa forma, a história é orientada por caminhos diferentes.

Dentre as redefinições e construções de identidade brasileira, Gilberto Freyre, escreve num momento em que quer representar e apresentar o passado brasileiro de forma particular e otimista do Brasil, alicerçada no mundo português, reelogiando a colonização lusa nos

trópicos e a formação do Estado brasileiro como possível e progressista com a colaboração do trabalho negro afirmando que "há preconceitos raciais, mas não há *apartheid*" (Ver prefácio REIS, 2007, p. 80). Inserido em um novo tempo que deixa as consequências negativas para o Brasil e busca a consequência essencialmente positiva para o país. Nesse sentido, Varnhagen precede Gilberto Freyre com o positivismo da colonização portuguesa como construtores do império e Freyre reelogia a colonização como "instauradores de um "povo novo" e de uma nova forma de civilização, a "civilização dos trópicos"" (REIS, 2007, p. 02).

Reis (2007) em seu livro *"As identidades do Brasil 1: de Varnhagen a FHC"* apresenta Gilberto Freyre dentro da compreensão das 'teses conservadoras' como outros intérpretes do Brasil que não sentem necessidade de mudança e ruptura com o passado que proporcionou o futuro para o país:

> Esses intérpretes, em vez de tomar a colonização portuguesa como um problema, fazem o seu elogio. Para Varnhagen, nos anos 1850, fazendo uma leitura ultraconservadora, lusitana, do projeto de história do Brasil que Von Martius escreveu para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1843/44, o Brasil era um país branco-embranquecido, monárquico, cristão, neoportuguês, neoeuropeu, centralizado no imperador, em direção a um futuro grandioso. O Brasil vinha de um passado de glórias e será uma nação poderosa. Não havia nada a mudar. Os portugueses fizeram tudo muito bem-feito! O imperador d. Pedro II deveria fazer o mesmo que a Coroa portuguesa já fizera no período colonial. O legado português era precioso e deveria ser acolhido e continuado. O Brasil-nação será uma continuidade do Brasil-colônia (REIS, 2007, p. XX).

Há, portanto, uma visão conservadora que corresponde a um ideal de sociedade encontrado em Varnhagen elogiando a conquista e colonização portuguesa numa identidade imperial que exclui a própria população brasileira 'não-embranquecida'. A questão da alteridade não é levada em consideração, dessa maneira, a população não-embranquecida – que é maioria – fica a mercê do projeto de identidade cultural nacional, pois não se integra com o projeto da construção de um Estado nacional como meta que exprime o ideal nacional, a utopia a ser realizada no futuro e não como realidade presente.

Desse modo, a reflexão de Gilberto Freyre lança as bases de uma identidade coletiva na reconstrução e reinvenção de uma nova identidade nacional, na qual, ser brasileiro era trazer a variedade em si e o resultado é algo original: uma cultura miscigenada nos trópicos.

A ideia do autor acompanhava este percurso pelos arquivos, bibliotecas, entrevistas. Pelos traços materiais deixados, em cruzamento com textos e imagens de época, Freyre se empenhara em resgatar a positividade da miscigenação e a consequente leitura dessas fontes aliadas a influencia de Franz Boas vislumbrou o processo pelo qual o Brasil para ele é constituído uma unidade a partir da diversidade.

Ao enfatizar as trocas culturas que fazem do mundo luso-brasileiro uma só realidade com caminhos e fronteiras entrecruzadas por suas histórias apresenta a delimitação da alteridade cultural ao enfatizar uma parte dentro do todo, pois a paisagem social é a interação de todo território nacional. E ao percorrer o Brasil de norte a sul, Freyre insiste em salientar a integração cultural sob a herança lusitana cimentando a identidade nacional nos traços lusitanos deixados pelo passado.

A plasticidade referida por ele é uma das principais características da realidade identitária brasileira que engloba a história dos miscigenados e os outros nessa identidade, são o perigo dessa comunhão de culturas, principalmente os alemães e seus descendentes que representam a alteridade dessa identidade equilibrada (FREYRE, 2010, p. 37).

4 UMA CULTURA AMEAÇADA?

A obra originalmente intitulada *Uma Cultura Ameaçada: a Luso-brasileira* foi resultado da Conferência realizada no Gabinete Português de Leitura, de Pernambuco, na tarde de dois de junho de 1940, em sessão promovida pelo Governo Português e pelos portugueses de Pernambuco e presidida pelo Consul de Portugal no Recife, para comemorar o Centenário da Fundação de Portugal e o da Restauração de 1640.

O livro é centrado fundamentalmente em alguns pontos que serão expostos no corpo do texto. Os assuntos abordados são: a questão das culturas (luso-brasileira, americana e europeia nórdica – germânica) ; a grande cultura ameaçada; o cristianismo trazido pelos portugueses e os imperialismos americanos e europeus que exercem influência e ameaçam a cultura nacional brasileira, entendida como a identidade nacional a qual Gilberto Freyre agoniza com tal ameaça. Esses pontos que norteiam a discussão do autor se encontram entrelaçados e dissolvidos na obra, não os isola, e sim, apresenta-os unidos na trama da ameaça que constitui sua preocupação central.

Nas obras de Gilberto Freyre não se registram grandes mudanças ideológicas mantendo-se fiel ao modelo proposto e desenvolvido em Casa-grande & Senzala no que se refere às características da presença portuguesa nos trópicos como a miscibilidade, a mobilidade e a aclimatabilidade que são acrescidas o gosto pelo ‘contraditório’ do português com a rotina e a aventura entre outros. Essas características acabaram por delinear o que o autor compreende por matriz cultural luso-brasileira, donde, em defesa desta proferiu a conferência em comemoração aos dois centenários portugueses e criticando ferozmente a respeito do imperialismo alemão no Brasil, sendo que nos anos de 1940 o mundo estava voltado para o rubro da II Guerra Mundial.

Os estudos de Freyre revelam uma reinterpretação da cultura nacional brasileira tendo como viés a pluralidade da cultura lusa a qual juntou culturas primitivas apresentando assim a formação sociocultural brasileira. Em *Uma Cultura Ameaçada: a Luso-brasileira*, o autor foi além da base de visão antropológica e extremou-se em clamor filosófico e, também, literário a favor da resistência de uma cultura ao imperialismo cultural então representado por “cultura centro-europeia na qual se encarnaram, de modo ameaçador, valores e desígnios opostos aos social e culturalmente luso-brasileiros” (FREYRE, 2010, p. 14). O tom do livro se apresenta de forma agônica, é um clamor intuitivamente eminente do autor para o perigo de morte de

uma cultura do tipo brasileira como ampliação da maternalmente portuguesa ao passo que se daria a vitória do nazismo racista.

Freyre havia viajado pelo país a convite do ministro do Ultramar português, Sarmento Rodrigues, donde resultaram vários livros como *Aventura e Rotina* e *Em Terras Portuguesas* onde pode ver e sentir as raízes da colonização portuguesa de norte a sul no nosso país, e também aperceber-se da presença de outras etnias formadoras do Brasil. Mas, o clamor é expresso em sua obra em questão, justamente nos anos 1940 onde o agonismo da sua preocupação com os rumos da nação e com ela a cultura nacional construtora da identidade estava ameaçada e, ainda, ignorada como língua e grandeza literária por vários cientistas sociais que nem se quer estavam preocupados em alertar sobre os perigos que acometiam o país abrindo espaço a argumentos nazifascistas que na visão de Freyre degradavam a imagem mestiça do Brasil por não possuir uma língua de valor literário. Em defesa da língua e da cultura nacional, Freyre proferiu:

> Fingia-se ignorar *Os Lusíadas*. Ignorar Fernão Mendes Pinto. Ignorar Vieira. Ignorar Machado e Euclides. Escrita em português literário, e não em antropologuês ou sociologuês, a conferência que. De defensiva logo se tornou ofensiva, pela sua própria expressão procurou afirmar, nessa língua, reivindicação de um valor cultural total: de toda uma cultura binacional. Tão brasileira quanto portuguesa. Luso-africana. Luso-oriental. Lusotroipical. Cultura a que se ligava sensual e espiritualmente uma língua capaz de competir, como língua literária, com a própria língua alemã, renovada, naqueles dias, pelo filho de uma brasileira talvez mestiça: o grande Thomas Mann. Como em parte criado por brasileira talvez mestiça fora o também grande Eça de Queiroz. O Eça que veio a dizer da língua portuguesa falada pelo Brasil que era um português com açúcar. (FREYRE, 2010, p. 14 – 15).

Esse foi um ‘não’ proferido na conferência e que se encontra no livro, uma posição defensiva em 1940 aos imperialismos e às tentativas de descaracterização da cultura luso-brasileira que viessem donde fosse – da Europa ou dos Estados Unidos – não poderiam ter espaço para ambições imperialistas contra as culturas nacionais menos econômicas e coloniais. Para Freyre, a cultura luso-brasileira revela sua tendência a valorizar tanto a morenidade como a metarracialidade importando a predominância entre eles, da superação dos preconceitos e do reconhecimento da mestiçagem que se revela na cultura luso-brasileira com a crescente expressão de valores universalmente válidos para a sua identificação e “superação de consciências de origens ou de situações fixamente raciais pela de ser o tipo nacional de brasileiro um tipo de homem metarracial” (FREYRE, 2010, p. 16) que representa a aceitação de gentes de cor.

Na obra é destacada a bravura da jovem nação brasileira, já em seus tempos de formação, com D. Pedro I quando era essencialmente composta pelo que os arianistas

chamam hoje – década de 1940 – de “mestiços corruptos” a qual Freyre se refere como sendo a constituição de uma espécie de federação espontânea que engloba brasileiros e portugueses que agora se encontra sob ameaça e risco de tornar-se em uma simples colônia nórdica. E aponta os ‘nórdicos’ de em nada ter contribuído na língua nacional brasileira, enquanto os portugueses marcaram o nosso idioma e outros. A etnia alemã, nesse sentido, “permaneceu supérflua deixando palavras inúteis que de nada servem no idioma nacional brasileiro” (FREYRE, 2010, p. 21).

Ao salientar a bravura da nação brasileira, em particular, Pernambuco, o autor entra em defesa do território com os estudos de adolescente e reabilitação do colonizador português no Brasil, para a reabilitação da obra que há muito foi negada e diminuída no quesito da colonização portuguesa da América e para a reabilitação da cultura brasileira que estaria ameaçada por imperialismos etnocêntricos que estariam desprestigiando os brasileiros como raça – adentrando em qualificações como ‘mestiças, ‘corrupta’ e ‘inepta’ – e como cultura – julgando-a inferior. Sob a ótica da superioridade de uma cultura em detrimento de outras, ele acrescenta, ainda, a manifestação contrária aos “cientificismos” tímidos e puros sem nenhuma base científica desses mitos defendidos enfadonhamente nas propagandas políticas dos partidos nazistas da Europa demonstrando sua posição antinazista e anti-revolucionário. Ao passo que faz essas críticas, chama a favor dos intelectuais atuantes. Estes sim estariam baseados numa realidade lógica que não serviria para revolucionar e ameaçar outras culturas e, na pior das hipóteses, substituídas por uma sociedade calcada em estudos e crenças menos ou nada lógicas.

O sentimento anti-revolucionário é manifestado na defesa do sentimento cristão que se confunde com o sentido da pessoa humana, ou seja, é sinônimo de humanidade, anterior mesmo ao cristianismo e sentimentos tradicionais que não explicam a civilização moderna da Europa e da América. Civilizações estas, que estariam ameaçadas sob uma realidade brutalmente contrária e nova a que não estavam acostumados e menos organizados no mais profundo de suas vidas, o espírito anti-revolucionário. Tal ética cristã [3] é explicada, ao mesmo tempo, pelo científico e prático espírito de assimilação do exótico e de solução humana e não étnica e/ou nacional de problemas sociais, por que se orientaram quase sempre os colonizadores portugueses (FREYRE, 2010, p. 23). Estes, também com deficiências e

[3] Seguindo a perspectiva Freyriana, a ética cristã é referente aos europeus nórdicos – germânicos – e aos portugueses. O cristianismo do europeu nórdico seria de uma ética cristã puritana fechada, ao passo que a ética cristã portuguesa seria franciscana e flexível com o elemento que lhe é exterior.

contradições, têm as características do descobrimento e de colonização lusitana nos trópicos consolidada na obra da miscigenação. Observemos:

> Não há maior negação histórica da doutrina que tudo atribui a caracteres étnicos fixos nas suas diferenças, inflexíveis nas suas particularidades, inconfundíveis nos seus traços psicológicos e portanto necessitados dos maiores esforços de conservação da sua pureza, do que a história do povo português; sua independência; sua reação ao domínio espanhol; sua obra de colonização. A independência do português se processou pela negação de qualquer purismo étnico – que teria conservado Portugal província hispânica – e por uma "consciência de espécie" não biológica, de semelhanças rigorosamente de raça, mas social: a consciência de necessidades, de aspirações, de interesses comuns entre elementos etnicamente heterogêneos. Como notou uma vez Angel Gavinet, não foi nenhum excesso de diferenças que separou Portugal da Espanha: foi um excesso de semelhanças. Um excesso, principalmente, de semelhanças de produção econômica e ao mesmo tempo – adiante-se a Ganivet – um conjunto especialíssimo de condições de situação geográfica e de situação social mais favoráveis que as da Espanha à exogamia, à aventura ultramarina, ao contato largo e variado com elementos estranhos, não só europeus como extraeuropeus (FREYRE, 2010, p. 24).

A independência e o espírito do português, para Freyre, estavam centrados na consciência de necessidade, interesses e semelhanças comuns que lhe originaram a nação e sua concepção que se torna maior que a etnia. Percebe-se mais uma vez uma das críticas às etnias germânicas, que valorizaram sua nação sobre a língua e a etnia. E o fato dos portugueses estar abertamente propensos às influências de outros, dissolve-se em outros povos a ponto de perder-se nos sangues e nas culturas exóticas, ou seja, confraternizam com os 'estranhos'.

Por se revelar um povo com capacidade única de perpetuar-se noutros povos, não está livre da dissolução, mas sua força prolongou-se e permaneceu no Brasil tornando-se uma forte afirmação no continente americano e da cultura portuguesa tornada - aqui em terra tropical luso-brasileira - plural e aberta a outras culturas, mas forte o bastante a ponto de conservar os valores tradicionais portugueses como necessário lastro comum, a exemplo, de a língua ter se tornado veículo propulsor nacional na intercomunicação das regiões brasileiras e do cristianismo que os portugueses trouxeram como forma apolítica, mas igualmente nacional dos brasileiros se intercomunicarem e participar, não apenas na vida e hábitos religiosos como eticamente com seus dogmas e doutrinas aceitas sociologicamente por todos.

Tal cristianismo transmitido em terras portuguesas se adaptou facilmente à aventura e a rotina da colonização não se defrontando com os antagonismos, e sim se conciliando com eles. São os "antagonismos que coexistem e de algum modo se harmonizam em quase todo português: na pessoa, na vida, no esforço de cada um" que propiciaram a adaptação do português nos trópicos.

A adaptação do português no trópico é bastante argumentada e exaltada pelo autor onde até o mar é visto como um 'irmão', um aliado dos portugueses assim como os homens dos trópicos "as gentes pardas e pretas das terras do Sul" (FREYRE, 2010, p. 27) juntamente com o mais franciscano dos cristianismos que "nunca animou nos portugueses aquele sentido como que profilático de defesa não só da alma como do corpo, tão forte nos puritanos colonizadores da Nova Inglaterra: aos quais o mar nunca se apresentou como um irmão" (FREYRE, 2010, p. 27). Assim, o português é naturalmente o ser que busca a confraternização, a integração não se fechando aos povos nativos vistos como inimigos por outras culturas – as nórdicas – como elementos exógenos de desintegração e aproximação de um estado pagão. A cultura portuguesa no Brasil não tardou em confraternizar com o elemento exógeno fazendo da mandioca dos índios o seu segundo pão, adaptando receitas mútuas num universalismo combinado com o regionalismo, lirismo, naturalismo, franciscanismo numa reunião de combinações que se apresenta como solução dos problemas de ajustamento dos homens entre si e com a natureza e ao mesmo tempo perpetuando o tradicional como podemos ver na descrição abaixo:

> Quando um grupo menos franciscano de padres pretende praticar no Brasil do século XVII, a discriminação contra meninos pardos, e assim inaugurar em escolas luso-brasileiras, em colégios católicos da Colônia, uma política racista que nos teria levado a conflitos sociais profundos, é a própria voz d'el-rei de Portugal que se levanta contra os padres da Companhia e na defesa daquele cristianismo fraternal já então inseparável da obra de expansão portuguesa no mundo pela contemporização do europeu com o valor exótico – homens e culturas – e nunca pela exterminação dos homens e valores de cultura extraeuropeus ou pelo seu puro aproveitamento econômico; nem se quer pela negação dos seus direitos e das suas oportunidades de ascensão social e cultural até à igualdade completa aos europeus. [...] O franciscanismo de atitude de Gabriel Soares de Sousa humaniza-o diante das coisas e dos animais estranhos e das pessoas de cor e de traços diferentes dos seus. É uma atitude essencialmente portuguesa – e essencialmente franciscana – como se de franciscanismo estivesse impregnado o português mais do que outro povo qualquer: uma atitude característica da ciência, da arte, da religião, do folclore e da política do português diante do exótico (FREYRE, 2010, p. 28-29).

Freyre coloca o colonizador português juntamente com o cristianismo franciscano o grande humanizador, o homem capaz de compreender e aceitar o 'diferente' a ele como algo natural no seu seio interior, daí o luso-brasileiro ser a criatura dotada de docilidade e avessa às barbáries e integrante-fundador de uma democracia racial. É a criatura que consegue unir o útil ao agradável com espírito aventureiro. Não que isso signifique se esquivar da intelectualidade ou à experimentação científica e conformar-se com a rotina, pelo contrário, é o ser que consegue realizar a práxis em um sentido mais profundo e não apenas rasteiro. Entende-se, por isso, uma crítica aos povos de cultura nórdica europeia que teriam

características de um povo ‘áspero, seco’ sem espírito fraternal e acolhedor com outras culturas exógenas a sua, fechando-se para elas em prol de cientificismos rasteiros que pregavam a superioridade mítica de sangue, de raça ou de classe que resultaria na exterminação ou negação de outras culturas “por um ideal esterilizante de exclusividade de cultura” (FREYRE, 2010, p. 28).

A cultura portuguesa – já carregada de mistura de sangue negro e mouro nos tempo longínquo da Portugal imperial – mesclou-se com a negra e a indígena no Brasil

resultando na cultura mestiça: a luso-brasileira. Essa, não apenas pela cultura e também no próprio conceito de imperialismo assim se comportou, porém foi tida como um imperialismo no sentido antropocêntrico e não etnocêntrico a exemplo do antigo imperialismo inglês, norte-americano e no momento – 1940 – o imperialismo alemão. O imperialismo cultural português, por se assim convencionar, é tido antes pela assimilação do que pela destruição do exótico e mesmo ao seu isolamento, isso porque o português desde os seus começos foi uma raça heterogênea equilibrando suas afirmações de equilíbrio de energias antagônicas portando-se como um povo formado, desenvolvido e prolongado em terras brasileiras. Sempre a variedade de sangues, a pluralidade de aptidões, a dualidade de tendências – a aventura e a rotina – germinaram na América portuguesa a combinação e experimentação biológica e social e enriquecendo sua cultura de novos valores com a mestiçagem. O exemplo disso foi a sua colonização ter triunfado no Brasil e, nas palavras de Freyre “somos um conjunto de valores e de sentimentos, brasileiros, portugueses e lusodescendentes das Ilhas, da África, da Ásia”. Ele considera a cultura luso-brasileira e a herança cultural do catolicismo franciscano as instituições ameaçadas de desintegração por culturas forçosas a um simplismo determinista como solução de problemas na reorganização da vida social e política de um povo tão harmonioso e hospitaleiro constituído a partir de antagonismos na sua formação histórica – escravo versus senhor de engenho – resultando num povo com uma cultura variada e enriquecida nos pilares da mestiçagem e da democracia social e racial. Disso provém o brasileiro, ou melhor, o luso-brasileiro, pois ainda com a mescla de costumes da sociedade colonial prevaleceu o tipo luso e sua cultura iluminada pelo gosto do contraditório, da aventura e da rotina e ainda, o franciscanismo humanizador, diferente de outros povos como os nórdicos fiéis a seu puritanismo religioso , os mesmos que ameaçam “a nós que somos o todo cultural luso-brasileiro”, uma cultura que é tornada alvo de desprestígio por aqueles.

Freyre vê o avanço do regime autoritário nazista na Europa e os núcleos de colonização nos estados do Sul do Brasil, principalmente, os alemães como uma guerra entre

culturas. E dessa forma, ambas as culturas, tanto a germânica antes designada pelo autor pelo termo nórdica como a luso-brasileira são colocadas em posição de hegemonia e tendo a concepção de 'luta' entre culturas, logo têm-se a ideia de que uma vence e predomina e outra é suplantada a inferioridade e o autor se baseia na história do passado lusitano convencido do caráter vitorioso como podemos observar:

> O grande drama é o que decide a sorte das culturas. É a guerra entre culturas. A melhor energia que a contemplação, e mais que isso, o estudo do passado lusitano, cheio de afirmações vigorosas de vitalidade cultural e não apenas política e guerreira, pode concorrer para animar em nós, lusodescendentes, é a energia que nos dê consciência da nossa cultura; gosto e inteligência dos seus valores; sentido de suas constantes; noção dos seus característicos; perspectiva de suas possibilidades. [...] Dentro de suas culturas – quando as possuem vigorosas de tradições como nós portugueses e brasileiros as possuímos – é que os povos verdadeiramente se defendem daqueles imperialismos animados do ideal de reduzir os homens por eles considerados física e culturalmente inferiores – por serem diferentes na cor, na forma do nariz, nos valores de cultura – a seus vassalos, a seus lacaios, a seus servos. [...] Guerra essencial e silenciosa de defesa, a nossa; mas guerra que pede hoje esforços de mobilização como as outras, mais cenográficas, mais ruidosas, mais teatrais, porém não de igual importância. A mobilização dos recursos de cultura de um povo – cultura moral, cultura material, por conseguinte agricultura, indústrias pesadas, todas as indústrias –, quando esses recursos existem, ainda que alguns só em potencial, outros dispersos, desconexos e um tanto soltos – mas principalmente os de cultura chamada material, tanto erudita como folclórica –, é garantia muito maior de independência e [...] de restauração do que a simples mobilização militar (FREYRE, 2010, p. 36-37).

Com isso, Freyre quer explicitar que os luso-brasileiros há muito já vinham combatendo imperialismos, e agora (1940) faz-se unir forças em prol dessa cultura com valores comuns em todo o território brasileiro. Seu clamor é mobilizar os brasileiros quanto ao valor de sua cultura, não deixando elementos estrangeiros, quer americanos, quer alemães de vir a desintegrar as tradições culturais aqui construídas e constituídas em identidade cultural nacional e que demonstra que essa cultura nacional luso-brasileira é a garantia de independência desse povo. Insiste em chamar atenção para a importância da defesa do território juntamente com a cultura nacional, uma vez, por ele constatado em sua excursão aos estados do Sul do Brasil, a qual permitiu a ele confirmar os perigos para a integridade luso-brasileira de cultura com imperialismos de raça e de cultura voltados com empenho em ridicularizar essas tradições.

Ele afirma não romantizar quando certifica assegurar a mobilização dos recursos da cultura tradicional e humana e socialmente democrática que tem permanecido em território luso-brasileiro pela coesão dos diferentes e consequentemente ter atingido um desenvolvimento harmonioso. E esta grande obra interpenetrada na cultura luso-brasileira estaria sob dissimulações enrustidas de propaganda imperialista nazista sob máscaras de

professores, pastores evangélicos, diretores de asilos, entre outros, espalhados por vários pontos do país que fora hospitaleiro para com eles. O grande perigo residiria não nas pessoas, mas nas organizações desse imperialismo disfarçado de pastores, mestres e etc., quando muito se sabe da sabedoria popular de que o hábito não faz o monge e estariam promovendo a desintegração da cultura luso-brasileira por apenas se considerar integrantes nesse país, mas sendo membros de outro povo, outra raça e outra cultura.

Freyre não considera e nem compartilha a ideia do conceito de cidadania [4] atrelado aos alemães e a reprime por sua rebeldia de fazer florescer à parte da cultura nacional brasileira uma outra cultura que se julga superior e independentes da cidadania e que sua, deriva do sangue, da cultura e da língua. E a tradição luso-brasileira e à cultura de origem principalmente portuguesa considerada por todos brasileiros a tradição, a língua e a cultura gerais do Brasil se manifestam as diferenças regionais e se conciliam com o lusismo comum em todas as regiões, pois é instrumento de intercomunicação e universalismo entre os elementos diversos de raça e de cultura que constituem o País.

Dessa forma, para Freyre não haveria a democracia social e cristã – no sentido sociológico – que aqui se formou e desenvolveu, do contrário disso, os elementos conservando todos eles, sua língua, sua exclusividade de cultura, sangue com exclusão da cultura e língua tradicionais do nosso país, o tornariam em um simples espaço geográfico aberto às influências e exclusivismos hostis de uns a outros e se perderia a cultura enriquecida sob os elementos exóticos e exógenos, construída a partir dos antagonismos que resultaram na ‘democracia social’.

No seu livro o autor escreve páginas contínuas de hostilidade ao e do povo germânico – instalado nos estados do sul do país – com a cultura luso-brasileira citando propagandas antiluso-brasileiras, das quais ele toma conhecimento através de livros que por ele classifica como hostis para com a cultura nacional luso-brasileira a exemplo do trecho que segue:

> A propaganda contra a cultura portuguesa como a língua nacional e oficial do Brasil inteiro, contra as tradições luso-brasileiras como tradições ricas de elementos eruditos e não apenas folclóricos, contra a cultura luso-brasileira (que é o fundamento da nossa cultura e a maior garantia de nossa independência não apenas política, de Estado, mas social, de povo democraticamente mestiço), convencera aquele leitor de artigos de propagandistas políticos disfarçados uns em geógrafos, pela sua pouca ou nenhuma significação literária, dificilmente poderia ser imposta a colonos de línguas ricas de conteúdo estético e intelectual, e não apenas folclórico. Outros incautos, leitores desses hoje tão frequentes artigos de propaganda antiluso-

[4] A cidadania dos teuto-brasileiros era compartilhada com a ideia de pertencer sempre à Alemanha através do *jus sanguinis* onde o indivíduo seria um cidadão alemão em qualquer território. No Brasil predominava a concepção do *jus solis*, ou seja, é cidadão brasileiro aquele indivíduo que nasce e reside em território nacional.

> brasileira, devem ter ficado sob a mesma impressão de miséria intelectual e estética da língua portuguesa, que não estaria, assim, em condições de ser aceita ou adotada por europeus de procedências mais ilustres – segundo supõem – que a lusitana (FREYRE, 2010, p. 42).

Contra essas propagandas, o autor assume a defesa da 'ameaçada' cultura luso-brasileira sob aspecto de agonia. Agonia esta que se apresenta ao longo do livro onde ele pretende expor toda sua indignação e despertar para os "*perigos reais*" de culturas contra culturas que se expressariam na ameaça de imposição violenta da parte de grupos mais fortes contra outros ainda fracos de valores de cultura e de formas de organização social na qual povos menores passariam a ser vassalos dos vencedores, ou por serem considerados mestiços, ou por serem considerados corruptos (FREYRE, 2010, p. 43). Parece existir na escrita do autor uma agonia e crença ainda cristalizada na ideia de superioridade e inferioridade dos povos, talvez por tomar como perigosa a cultura nórdica – germânica – e sua influência sobre a população do Sul do Brasil, mas como ele mesmo afirma, o perigo não está na população, mas nos mestres disfarçados de professores, pastores etc., que incutiam uma superioridade cultural pura nessa população. Por ora, tem-se um texto confuso do autor, pois ao mesmo tempo em que toma o perigo por real e eminente parece acreditar na superioridade e inferioridade de culturas, e ora, defende a indiferença que deve se fazer desprezar diante desses conflitos entre grupos ou tipos de cultura, a atitude do intelectual e do homem culto deve ser a indiferença, para assim se estar a salvo de propagandas ou contrapropagandas tendenciosas (FREYRE, 2010, p. 42).

A cultura luso-brasileira é interpretada por Freyre como a base, a essência da organização nacional brasileira desde o sul até o norte do país e aceitar a ideia de nacionalidade e admitir mesmos direitos à cultura teuto-brasileira significaria deformar a difícil cultura e colonização portuguesa no nosso país e da assimilação do índio e do negro pela cultura e pela gente cristã de Portugal. Ao citar o geógrafo alemão Reinhard Mack que publica um artigo sobre os colonos alemães, ou de origem alemã – teuto-brasileiros – do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná numa revista de professores e estudantes da Universidade de Harvard de que "o alemão conserva-se para sempre alemão, não importa o país para que o tenha levado o destino..." Freyre mostra sua indignação e revolta com tal expressão relacionando-a diretamente com o nazismo que se justificaria com as pretensões do velho germanismo transoceânico avivado por meio deste regime cabendo, portanto, aos brasileiros despertar para os perigos que tal política nitidamente antibrasileira assim definida por ele próprio – o geógrafo. Assim, Freyre interpreta que uma cultura não poderia estar

atrelada à pátria saudosista e nem tão pouco promover propagandas depreciativas para com o país que os hospeda. Vamos reproduzir um trecho:

> Diante das nossas leis de simples defesa contra um perigo que a ninguém ilude – o das tentativas de penetração nazista no Sul do Brasil – o geógrafo Maack, quase zangado, nos compara com os "bolchevistas" – aliás bons camaradas, hoje, dos nazistas; ou antes, adulados pelo nazismo. "Enquanto" – diz o geógrafo – "o nacionalismo brasileiro difere, em muitos aspectos, do bolchevismo e o combate como 'ideologia exótica' (...) na sua destruição dos valores criadores de individualidade nacional, ambos usam os mesmos métodos universalistas." E destaca este horror do "comunismo brasileiro": "Todas as nacionalidades, para viverem no Brasil, devem se misturar etnicamente" (FREYRE, 2010, p. 50).

Assim Gilberto Freyre entende as ideias universalistas referentes à individualidade germânico-nazista como absurdas e que elas são recusadas por este grupo que pretende criar uma cultura com valores individualistas sob orientação nazista e esses não se submeteriam à confraternização de raças e costumes dentro das tradições portuguesas que se tornaram estruturais para o desenvolvimento brasileiro.

Foi assim, que o sociólogo Gilberto Freyre manifestou sua preocupação na Conferência das comemorações dos dois centenários, o da fundação de Portugal e o da sua restauração em 1640, com as questões de território, com o homem, e consequentemente com a cultura, pois para ele o que reunia os brasileiros – portugueses e brasileiros de Pernambuco – naquela ocasião eram os sentimentos que deviam ser prolongados e há muito estavam sendo em terras brasileiras e, mais que a integridade territorial era a integridade da cultura comum entendida como a luso-brasileira. Essa revelava a identidade cultural do país, a qual estava no momento, – 1940 – advertida a desintegrar-se por imperialismos nazistas. Esse foi o papel do sociológico, advertir sobre uma possível desintegração de uma cultura enriquecida e formada no além-mar de valores pluralistas e humanizadores que se perpetuaram no tempo da história da jovem nação luso-brasileira que há tanto resistiram à tentativa de invasões – a exemplo da holandesa – e turbulências políticas a sua história.

Freyre faz um "apelo" aos brasileiros[5]. Que defendam a cultura e as tradições lusas que compõem a nossa identidade nacional brasileira descortinando – nesse momento indeciso no mundo que assiste ao avanço do regime nazista na Europa e a II Guerra Mundial –

[5] Para Freyre, o momento em que escreve (1940) é para ele o tempo de definir e afirmar o povo brasileiro, o luso-brasileiro e definitivamente ser independente. É um apelo que ele faz na Conferência aos intelectuais, aos escritores ditos brasileiros que prezam pela mobilização dos recursos próprios da cultura luso-brasileira e extremamente original e miscigenada devendo, portanto, afirmar-se frente à culturas exteriores e imperialistas na sua forma. Por isso, vêm a ser um discurso de caráter apelativo em nome dessa "cultura" que ele parte para a realidade histórica luso-brasileira para prestar sua admiração pelas organizações de democracia social do mundo luso-afro-brasileiro cuja permanência é para ele indispensável para a defesa de valores da cultura nacional.

aspectos e variantes que oferecem ao autor o enrijecimento de horizontes e perspectivas que a seu ver ameaçavam a ideologia nacionalista e consequentemente 'luso-imperialista' de duvidoso potencial democrático. A sua ideologia é a confraternização dos diferentes, a união dos antagonismos, mas que são incorporados à cultura luso-brasileira. Tais obras que marcam a juventude do intelectual são voltadas para a simultaneidade de elementos heterogêneos bem como as influencias biológicas na sua concepção neolamarckiana desdobrando-os, ou melhor, incorporando-os ao aspecto exclusivamente cultural na determinação da especificidade de uma formação social singular. Defendeu durante anos a ideia da comunidade luso-brasileira, ao defender a colonização portuguesa face à holandesa e a cultura luso-brasileira frente à alemã. O etnocentrismo por muito tempo povoou a mentalidade dos brancos europeus julgando sua cultura superior a de qualquer outro povo. Sabemos que é errôneo classificar assim as sociedades, independente do tempo por revelar preconceito, estigma e discriminação com o outro.

Com a descoberta de um novo mundo a questão da alteridade tornou-se premente. A alteridade encontra novas configurações no deslizamento com outras culturas que se incluem num movimento de interpretação da vida e reinventam o conceito de alteridade, na medida em que a experiência enfatiza uma multiplicidade de dimensões do estranho, que nos retira da conformidade com o familiar, abrindo espaço para uma alteridade antes desconhecida.

A questão que colocava Gilberto Freyre em 1940 a proferir a conferência sobre uma cultura ameaçada, prestes fadada à extinção era a definição da identidade brasileira logo num período de fortes ideologias fascistas e integralistas. Engajou-se na questão como antropólogo e sociólogo e encaminhou o debate para o campo de uma identidade baseada na estrutura – vida colonial com base na desbravadora colonização portuguesa – e poder da língua como fator de reconhecimento do outro como 'parceiro' do processo que aqui estava se desenvolvendo considerando as diferenças genéticas e religiosas como fator positivo de inclusão e construção de uma identidade nacional sobre a pluralidade dos diversos – o branco, o negro e o índio – resultando no universalismo brasileiro oriundo da mestiçagem. Esta e o sincretismo religioso foi o resultado de Freyre, a criação de um novo mundo de um povo expansionista que encontrava sua identidade na assimilação e superação das diferenças – raciais, linguísticas, culturais e religiosas.

Dessa forma, ao tempo que Freyre defende e argumenta no livro *Uma Cultura Ameaçada: a Luso-brasileira*, bem como em outras obras, principalmente seu célebre livro que representa na História e Sociologia brasileira um modo 'revolucionário' e aberto de pensar a questão das diferentes culturas que compõem nosso país *Casa-grande & Senzala*, é

uma referência à plasticidade da cultura luso-brasileira. Podemos dizer que este sociólogo, historiador, intelectual e escritor, como sempre preferiu ser considerado, consegue defender e argumentar fluentemente sem dúvidas este caráter universalista do português e luso-brasileiro que se constitui sobre os antagonismos equilibrando-os nessa identidade cultural. Porém, não há compreensão quando entra em cena outro grupo, outra etnia como a teuto-brasileira nessa identidade que de repente se fecha para o outro, onde a identidade passa a ceder lugar à alteridade, o mesmo passa a não assimilar o outro dentro desse interior e passa a ser o exterior, o elemento que ameaça a sedimentada cultura pluralista e assimiladora luso-brasileira.

Assim, sua tese do equilíbrio de antagonismos não é estendida à identidade teuto-brasileira, ela não faz parte da grande identidade luso-brasileira, ao contrário, as culturas antagônicas entram em conflito diferentemente do que encontramos nos áureos tempos da colonização portuguesa e sociedade escravista, onde todo desequilíbrio e contraste de um sistema escravocrata são vistos como integrador, confraternizador, daí a democracia social resultante desse bambo equilíbrio de antagonismos. Então, entender a plasticidade e vocação ecumênica da identidade lusa passam a ser um desafio, pois, é também um antagonismo onde o ‘outro’ – a cultura teuto-brasileira – não é inserida nessa cultura luso-brasileira, é o elemento exógeno não assimilado.

A conferência e o livro dela originado representa, dessa forma, uma espécie de toque de reunir por meio de comentário – reação intelectual e psicológica do autor na conferência –, crítica, higienização e sedimentação de uma civilização que para se manter, não pode renunciar. Freyre sempre procurou o elemento distintivo capaz de explicar, precisamente, a “diferença específica” da sociedade escravocrata brasileira em meio às experiências “essencialmente similares”. Mas nesse caso, permaneceu na singularidade da cultura luso-brasileira não havendo similaridades com a cultura teuto-brasileira e conservaram os antagonismos, o ‘outro’ que não foi equilibrado nessa história, nesse contexto dos temerosos anos 1940.

5 CONCLUSÃO

A construção da identidade brasileira, assim como provavelmente a de outras nações, reserva a sua particularidade. Os povos, grupos, etnias são diferentes em sua formação e compartilham suas crenças comuns ao grupo. Tratar a questão da identidade como algo fechado e cristalizado não é o caminho para se chegar a seu entendimento.

Para seu tempo, Gilberto Freyre foi venturoso na sua interpretação sobre a formação da sociedade brasileira, que apesar de ser ainda conservadora, consegue fazer uma relação fundamental com o conceito de cultura diferenciando-o e desvencilhando-o da raça. Dentro de sua perspectiva revelava um mundo de diversidades que bem sabemos, compõe a cultura e identidade nacional. Não podemos julgá-la e colocar uma cultura como hegemônica em detrimento de outras, pois todas estão no centro do cruzamento, todas se ligam, se interpenetram de alguma maneira, nenhuma é tão cristalizada no seu interior que não receba influências de outra, nem superior nem inferior, sempre há interpelações nessa grande teia cultural.

O equilíbrio defendido por Freyre significa contrabalançar os diferentes grupos. Nesse equilíbrio estaria sedimentada a nossa cultura nacional e ao equilibrar os contrastes formadores da nossa história brasileira não cabe tomar uma das partes, há de se manter, como o próprio Gilberto Freyre afirma, o “bambo” equilíbrio.

Constatamos assim, que Freyre conseguira conciliar os antagonismos da nossa história nacional constituindo uma identidade sobre a frouxa sensatez das partes contrárias – escravo/senhor de engenho – porém, no que se refere à cultura teuto-brasileira proveniente da cultura nórdica e hábitos germânicos por ele classificados como uma cultura áspera e fria diferente da luso-brasileira e a mestiçagem doce e quente, predomina a alteridade. Existe a dificuldade em aceitar e balancear esse ‘outro’ no bambo equilíbrio nacional. Ainda que a plasticidade seja uma das principais características da realidade identitária brasileira, Freyre não consegue reproduzir essa tese ao se referir aos alemães e seus descendentes. Aqueles que fazem parte da história do Brasil são os miscigenados. Os demais são a alteridade que ele não consegue apreender.

Esse demais como fica claro em seu texto, são os alemães e seus descendentes, os teuto-brasileiros e sua cultura ‘nórdica fria e áspera’ são classificados pelo autor como um perigo a desintegrar e dissolver a identidade de matriz lusa na História. Ora, se esta é marcada pela plasticidade entendida como flexível e aberta às influências exógenas, também se

mostrara em tom e postura marcadamente defensiva beirando a agressividade como encontramos na obra analisada, tão logo uma cultura considerada e constituída a partir dos diferentes que floresceu e se fortaleceu sobre os elementos extremos. No pensamento Freyriano essa resistência e dificuldade em assimilar e criar uma aproximação e integração com a cultura teuto-brasileira é explicada através das experiências e vivências dos portugueses nos trópicos e pela sua estreita localização geográfica e vivência antes mais e com a África do que com a Europa propriamente dita.

Sem dúvida, Freyre representa um marco no pensamento brasileiro sobre a identidade. Suas contribuições não desmerecem a causa, apenas ganham e contribuem para se pensar essa questão, até hoje, complexa e não resolvida, pois a sociedade formada por grupos englobando pluralidades de diferenças e crenças comuns representa a diversidade que ora são conciliados nas diferenças e ora nas semelhanças. Multiculturas constituindo nossa cultura nacional, tendemos a enriquecer nossos valores e aprendermos a conviver com o diferente, o exótico a nós, a nossa cultura, a nossa crença, uma vez que somos resultado de diferentes raízes culturais – portuguesa, africana e imigrantes – e levamos conosco essas crenças individuais conciliados em outra, na grande identidade nacional.

Somos constituídos na diferença e na relação com o outro. Contudo, há o outro em relação ao qual mantemos o limite da tolerância, sem que consigamos colocá-lo na identidade da alteridade. Os alemães e seus descendentes foram essa grande alteridade do Brasil na obra de Freyre.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Lisboa: Ed. 70, 2005.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e paz:** Casa Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. São Paulo: Ed. 34, 1994.

BASTOS, Elide Rugai. Gilberto Freire: Casa-grande e senzala. In: MOTA: Lourenço Dantas (Org.). **Introdução ao Brasil**: **um banquete no trópico**. 4 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Uma cultura ameaçada e outros ensaios.** São Paulo: É Realizações Editora , 2010.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LARRAIN, Jorge; HURTADO, Alberto. El concepto identidad. **Revista FAMECOS,** Porto Alegre, n. 21, ag. 2003.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

SALLUM JR., Brasilio. Sobrados e mucambos. MOTA: Lourenço Dantas (Org.). **Introdução ao Brasil**: **um banquete no trópico**. 2 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Negritude, mestiçagem e lusitanismo: o Brasil positivo de Gilberto Freyre. In: AXT, Gunter; SCHÜLLER, Fernando Luis (Orgs.). **Intérpretes do Brasil.** Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2004.

REIS, J.C. **As identidades do Brasil 1:** de Varnhagen a FHC. 9 ed. ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2:** de Calmon a Bonfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda? Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.